

CIRANDAS DE EXCLUSÃO EM JOGO: UMA LEITURA DE *OLHO DE GATO*, DE MARGARET ATWOOD, E *FELICIDADE CLANDESTINA*, DE CLARICE LISPECTOR

Fernanda Mota Pereira
Universidade Federal da Bahia

Pontos de partida...

Cenas do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector (1998), e do romance *Olho de gato*, de Margaret Atwood (2007), trazem à baila convergências entre imaginários atrelados à infância em cenários brasileiros e canadenses sob o signo de um jogo de pertencimento e exclusão. Cirandas que assinalam o anseio de pertencer e o medo do isolamento circundam a história de Elaine Risley, protagonista do romance de Atwood que se submete às tiranias de uma de suas amigas para fazer parte de seu grupo, e a personagem de caráter antagônico de “Felicidade clandestina”, que, vista como destoante em relação às colegas da escola, rasura esse contraste com o poder de privá-las de doces e livros, exibidos como objetos de um desejo dos quais as exclui.

Em ambas as narrativas, episódios da infância são decalcados por um olhar voltado a memórias, nas quais se descortinam a angústia, o medo, entre outros sentimentos análogos. Esses sentimentos contornam a vontade de Elaine de fazer parte do grupo de amigas – Grace e Carol – sob o comando de Cordelia e a atitude vingativa da antagonista de “Felicidade clandestina”, por não figurar como uma das meninas do padrão mencionado pela narradora. Cenas como essas se espraiam por diversas histórias em que atos de uma sutil e marcante violência lançam cores de angústia no contexto das relações infantis.

A presença desse tema em molduras brasileiras e canadenses permite a reflexão sobre a busca de estratégias para não sair do circuito de pertencimento nos mais diversos locais e, também, em variadas fases da história de um sujeito, inclusive e, principalmente, na infância. O romance de Atwood denota que as marcas impressas na infância estendem-se a outros momentos da vida, definindo traços da subjetividade e, com isso, acentuando a importância que se deve atribuir aos jogos infantis, nem sempre ingênuos ou inofensivos.

Em variadas brincadeiras, destaca-se o medo como um dos fatores que faz parte de suas regras. Não atendê-las, por qualquer erro ou desvio, traz, como uma de suas consequências, a saída da brincadeira que, quando frequente, atribui ao jogador o título

de perdedor. Extensivos a outras vivências, matizes de medo que pintam vários quadros da vida se enovelam no apego a um fio para tecer uma conexão com o outro, revelando o temor de ser excluído. Tal temor figura em diversas cenas sociais e é ilustrado por um fenômeno corriqueiro na televisão, sinalizado por Zygmunt Bauman (2008), em *O medo líquido*, a saber: os *reality shows*. Esse tipo de programa pode ser lido como uma possível alegoria das relações humanas, desde a infância: uma luta para não ser tirado do jogo, quer seja esse o convívio com as pessoas ou um ambiente onde se espera ficar. Entretanto, permanecer ou participar tem como interface, muitas vezes, eliminar. Assim, segundo Bauman (2008), identifica-se a “inevitabilidade da exclusão” (2008, p. 29), em que os participantes jogam com o objetivo de continuarem no programa, havendo “pessoas tentando excluir outras pessoas para evitar serem excluídas” (2008, p. 30).

Ao articular a leitura de Bauman sobre um dos diversos medos mencionados por ele – o de exclusão – à leitura das narrativas enfocadas, nota-se que se os receios podem levar um sujeito a se adequar a regras de desprazer impostas pelo outro, eles também estão na base da configuração de estratégias de punição impostas pelos que estão fora do jogo, que, ao serem excluídos, montam estratégias de exclusão também.

Cirandas de exclusão em *jogo*

O romance *Olho de gato* é narrado em primeira pessoa por Elaine Rislely em tempo posterior a algumas das cenas do romance, entrecortadas por memórias acionadas ao visitar Toronto, em ocasião de uma retrospectiva de sua produção como pintora na galeria chamada Sub-Versões. O enredo é repleto de lembranças de sua infância nas quais se depreendem realces em uma das amigas: Cordelia. Essa personagem figura como a líder do grupo do qual Elaine tentava fazer parte, tendo como pano de fundo a sua história, que é permeada por contrastes em relação às molduras de vida das demais crianças. Seus hábitos e comportamentos díspares em comparação aos de suas amigas sedimentam-se em uma formação erigida a partir de um lugar pouco convencional, acentuando uma diferença que a torna vítima de variadas cenas nas quais a inconformidade imprime situações de mal-estar.

Apesar da identificação de diferenças entre Elaine e suas amigas, a personagem tinha o desejo de inserir-se nesse grupo, submetendo-se a contextos que desafinam da sua narrativa familiar, como ilustra uma das cenas em que Carol espalhou pela escola o fato de a família de Elaine dormir no chão como se o fizessem por serem “de fora da

cidade” (ATWOOD, 2007, p. 61). A chegada das camas à casa de Elaine desapontou Carol, que buscou outros motivos para emoldurar a amiga em um contexto exótico: “Ela espalha que não sei que igreja frequento, e que comemos numa mesa de jogo” (ATWOOD, 2007, p. 61). Ser de fora é um signo usado por Carol como uma moeda através da qual expõe Elaine para “ser admirada, por revelar tais maravilhas. É como se ela estivesse relatando os hábitos de uma tribo primitiva” (ATWOOD, 2007, p. 61). Embora constate essas tiranias e o julgamento perverso de seu universo familiar, para Elaine prevalecia a vontade de ser aceita pelas amigas.

De acordo com Octavio Paz (2006), em sua leitura acerca da solidão, ainda que esta seja inerente ao sujeito, ele também “é busca do outro” (2006, p. 175) e a ânsia de retomar o sentimento de integração rompido com o nascimento o acompanha. A tentativa de inserção, no entanto, pode ser circundada por um ato de violência contra os traços que constituem a identidade do sujeito no empenho de atenuar diferenças que o distanciam do outro. Assim, entre as estratégias para inserir-se no grupo de amigas, Elaine aceitou o convite de ir à igreja frequentada pela família de Grace, como ilustra a seguinte cena:

A sra. Smeath vira-se e olha para mim, com uma batata descascada na mão esquerda, a faca na direita. Ela sorri.
– Grace diz que sua família não frequenta a igreja – ela diz – Talvez você queira ir conosco. À nossa igreja.
– Sim – diz Grace, que subiu a escada atrás de mim. E a ideia é agradável. Vou ter Grace só para mim nas manhãs de domingo, sem Carol nem Cordelia. Grace ainda é a desejável, a que nós todas queremos. (ATWOOD, 2007, p. 108)

Apesar de não ter sido educada seguindo princípios religiosos, Elaine aceitou o convite. Esse aceite afasta-se das crenças de seus próprios pais que lançaram um olhar de preocupação sobre essa proposta, pois, para a mãe de Elaine, a ida à igreja acionava o signo da obrigação atrelada a essa atividade quando era criança; e, para o pai, a decisão sobre que religião seguir deveria ser tomada ao crescer e, além disso, ela estava associada a “um monte de guerras e massacres, bem como fanatismo e intolerância” (2007, p. 108). E, assim, o pai alertou sua filha de oito anos que não acreditasse em tudo que ouvisse.

Os comentários dos pais de Elaine reforçam a dissonância entre seu comportamento e valores em comparação aos dos pais de Grace. Essa dissonância era ressaltada pelas roupas, as quais eram adquiridas de segunda mão de uma amiga de sua mãe, que não era afeita a costuras ou a compras. As roupas de Elaine figuravam como um signo de inadequação avaliado pelo olhar de Grace quando a amiga chegou a sua casa:

Ela me olha de cima a baixo.

– Ela não está de chapéu – diz.

A sra. Smeath, parada no hall, me examina, como se eu fosse uma órfã abandonada na sua porta. Ela manda Grace subir e buscar outro chapéu, e Grace volta com um chapéu velho de veludo azul-escuro com um elástico sob o queixo. Ele é pequeno demais para mim, mas a sra. Smeath diz que por hora vai servir. (ATWOOD, 2007, p. 108)

A avaliação da Sra. Smeath a respeito de Elaine sugere o descompasso registrado no seu olhar sobre a menina, que expressa, por extensão, a percepção da personagem sobre si, reforçada pelas palavras “órfã” e “abandonada”. O sentimento de inadequação expande-se por diversas cenas em virtude de diferenças entre as vivências pouco convencionais da família de Elaine e a das demais famílias em Toronto. Tais diferenças sustentam-se em vivências nômades. Ela e sua família moraram em variados locais em viagens no Studebaker que tinha dimensões de uma lancha. Na época em que viviam nas linhas pouco teleológicas do nomadismo, havia a guerra, época em que eram racionados alimentos e outros produtos de consumo como gasolina. Durante o inverno, as perambulações da família estacionavam em cidades do norte, Sudbury, North Bay ou Soo. Em outras épocas também predominavam experiências construídas por um modo alternativo de vida. Essa história imprimiu, portanto, tons diferentes no comportamento de Elaine, que era visto sob uma escala de valor que configurava um lugar pouco privilegiado entre as amigas.

Apesar do estilo de vida pouco convencional, a narrativa de Elaine sobre sua infância tem situações que desenham um imaginário em convergências com países como o Brasil, por exemplo. Para ilustrar, citam-se brincadeiras contidas no livro *Hobbies para um dia chuvoso*, a saber: *walkie-talkie*, feito com latas e barbante; caixas de fósforo usadas para fazer cômodas; confecção de animais com limpadores de cachimbo (ATWOOD, 2007, p. 39). Além desses brinquedos, a narradora menciona o seu apreço pelos papéis prateados de cigarro e por balões. Essas cenas encontram ressonância em fantasias transsubstanciadas em brinquedos nos mais diversos lugares, compondo uma memória cultural de cores canadenses que se mesclam em tons disseminados em outros locais.

O nomadismo trouxe para Elaine uma história de vida peculiar no que se refere às amizades. Ela nunca havia tido amigas, uma vez que não morava por muito tempo em um único lugar. Além disso, ela e seu irmão Stephen não frequentavam a escola por mais do que quatro meses. As suas lições eram feitas com a tutoria da mãe. Nas leituras, a ausência de identificação com os textos dos livros delineia uma gama de questões

engendradas pela discrepância entre as representações nas páginas lidas e a vida, observadas no universo infantil:

O meu [livro de leitura] é sobre duas crianças que moram numa casa branca com cortinas franzidas, um gramado na frente e uma cerca de madeira. O pai vai trabalhar, a mãe usa um vestido e um avental, e as crianças jogam bola no gramado com seu cachorro e seu gato. Nada nessas histórias se parece com a minha vida. Não há barracas, nem estradas, nem espionagem nos arbustos, nem lagos, nem hotéis. Não há guerra. As crianças estão sempre limpas, e a meninazinha, cujo nome é Jane, usa belos vestidos e sapatos de verniz com tiras. (ATWOOD, 2007, p. 41)

Livros como esses, para Elaine, têm um “apelo exótico” (ATWOOD, 2007, p. 41). Lê-se, neste comentário, que as representações impressas neles fogem à sua ótica porque não confluem com as parcelas de vida que compõem suas experiências e que a levariam a uma identificação capaz de ampliar o sentido de pertencimento. O seu comentário substancia a reflexão sobre a noção de mobilidade amalgamada ao conceito de deslocamento, sugerido pelo desvio em relação a padrões condecorados pelas margens de páginas institucionais das publicações ou pelos retratos que têm molduras apenas passíveis de sustentarem imagens confluentes com um modo de viver afinado com padrões estabelecidos.

No *Dicionário das mobilidades culturais*: percursos americanos, há o verbete “Deslocamento/ desplaçamento”, no qual Elena Palmero González (2010) aborda a amplitude desse conceito ao relacioná-lo aos mais diferentes tipos de mobilidade. Entre os pensadores acionados em suas considerações, sublinha-se o antropólogo estadunidense James Clifford. Com base nele, tece reflexões sobre a mobilidade como um signo atrelado à constituição da identidade, redimensionando a noção de diferença em termos culturais. De acordo com a autora em sua leitura sobre a teoria de Clifford, “[p]oder-se-ia dizer que vivemos uma existência entre fragmentos móveis. A ‘diferença cultural’ não se apresenta mais como uma estável e exótica alteridade, as relações eu/outro se revelam, mais do que nunca, como relações de poder, de retórica, não de essência” (GONZÁLEZ, 2010, p. 111). Os fragmentos mencionados pela autora, na esteira de Clifford, articulam-se com um “mundo transnacional” (GONZÁLEZ, 2010, p. 110). O termo “transnacional” pertence ao eixo paradigmático dos trânsitos, cujas frágeis fronteiras rasuram a ideia de exotismo e a estabilidade atribuída à “diferença cultural”, em reta linha da desconstrução de qualquer essencialismo atribuído a ela.

Reflexões que atravessam textos como o de Stuart Hall (2003), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, grassam de variados campos disciplinares e promoveram o descentramento do essencialismo sobre a noção de diferença e sobre a identidade

cultural. Entendida como móvel e passível de reconfigurações, a identidade assume o tom plural assinalado por constantes negociações em jogo.

Apesar de serem observadas teorias, reflexões e produções culturais que deslocam o lugar de estabilidade e exotismo destinado à identidade, a literatura dos mais diversos períodos descortina cenas de intolerância em relação a sujeitos lidos como diferentes, devido a seus hábitos, crenças, identidade sexual, constituição física, classe social. As relações de poder e de retórica estão, não raro, a serviço de formas de exclusão e enfatizam conceitos, nem sempre previamente delineados, mas, sim, por vezes, muito bem sedimentados em impulsos para discriminar o outro até mesmo como forma de manter-se no jogo, a exemplo do que ocorre nos *Reality shows*, aludidos por Bauman.

O jogo de trocas de lugares no compasso de exclusões, como se ciranda fosse, pode ser lido no conto “Felicidade clandestina”. Nele, há uma personagem com traços que a distinguem do padrão das demais meninas da escola:

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. (LISPECTOR, 1998, p. 9)

Os traços mencionados pela narradora com tons que destoam das demais meninas são compensados por um ponto relacionado a um dos desejos da protagonista: livros. A personagem desenhada com cores destoantes em relação ao quadro harmônico das outras meninas tem consciência de seu não pertencimento, que, entretanto, é revertido ao valer-se de um artifício de poder em relação às demais, usando-o, segundo a narradora, com “crueldade” (LISPECTOR, 1998, p. 9):

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”. (LISPECTOR, 1998, p. 9)

A “crueldade” estendia-se ao chupar balas e era exercitada no ato de não emprestar os livros que a protagonista pedia, atrelada a um ódio causado por serem as demais meninas “imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres” (LISPECTOR, 1998, p. 9). O ápice de suas vinganças ocorreu com a posse de um livro almejado pela protagonista, *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, impondo à protagonista uma “tortura chinesa” (LISPECTOR, 1998, p. 10), sustentada pela promessa de emprestar o livro sempre adiada por justificativas que se revelaram falsas quando a

sua mãe descobriu toda a trama de tortura da filha, afirmando que o livro nunca esteve fora de sua casa. Instalou-se na mãe o horror ao constatar “a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife” (LISPECTOR, 1998, p. 11). A mãe emprestou o livro com a garantia de que ela ficasse com ele enquanto quisesse. O que se segue a essa cena é a revelação do desejo alcançado, somada à vivência com esse objeto como se, em cadências mágicas, ela se tornasse mais do que “uma menina com um livro” e, sim, “uma mulher com o seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

O predomínio do olhar da narradora-personagem atenua outros matizes presentes na história contada. Caberia perguntar o porquê da “crueldade” exercida pela personagem de traços pouco afinados com as demais meninas. Seus atos, lidos como cruéis, se pautam na forma como era vista e, se não os justifica, pode explicar o seu comportamento vingativo. Assim, se a inadequação traz o desejo de ser aceito, ela também atua na tessitura de atitudes de punição, como reflexo de traços inaceitáveis que substanciam o desejo de impor uma condição de exclusão ao outro – como ocorre à antagonista de “Felicidade clandestina” ao privar a protagonista da leitura de um livro desejado.

Ao ler “Felicidade clandestina” ou *Olho de gato*, nota-se que, já no universo das crianças, para ser aceito é preciso, por vezes, enquadrar-se harmonicamente nas regras que regem padrões estéticos e/ou culturais. Além de serem inaceitáveis, as dissonâncias podem figurar como uma desvantagem na luta por permanecer no jogo, servindo, por outro lado, para imprimir uma vontade de oprimir ou excluir.

Relações de poder figuram, portanto, até mesmo entre crianças que, na tenra idade de brincar, se valem de um jogo que demarca territórios cujo prêmio é a desterritorialização do outro que, diante do receio de desterro, aceita regras, mesmo quando perpassadas pela crueldade. Como exemplo, cita-se a cena em que Elaine foi levada por Cordelia, Grace e Carol para um buraco cavado por Cordelia no fundo do quintal da casa onde morava, vestida de preto e com uma capa encenando o “papal de Mary Rainha da Escócia, já decapitada” (ATWOOD, 2007, p. 119). A personagem foi deixada lá, o que ocasionou um pavor que apagou a memória de como foi resgatada. Seguem-se, a essa cena, outras em que Elaine se tornou simbolicamente prisioneira de suas amigas, a exemplo de quando foi punida com o isolamento por algo que disse e de que não se recordava. Tal isolamento foi desfeito com a presença do seu pai ao perguntar sobre o desfile a que assistiam. Nesse momento, Cordelia se aproximou de Elaine: “Ela passa o braço em volta de mim, me dá um apertão, um apertão de cumplicidade, de

aviso. Tudo ficará bem, desde que eu fique quieta, não diga nada, não revele nada. Então estarei salva, serei aceita de novo. Sorrio, trêmula de alívio, de gratidão” (ATWOOD, 2007, p. 129). A personagem permaneceu em silêncio e, portanto, não respondeu a pergunta do pai para o descontentamento de Cordelia e a declaração de que ela deveria ser “castigada” (ATWOOD, 2007, p. 129).

Outra cena análoga que engendra sofrimentos em Elaine atravessa a intolerância a culturas que fogem ao retrato a que pertenciam as pessoas do local onde a personagem vivia. Após o Natal, Elaine passou a ter como ocupação passear com Brian Finestein. As amigas da protagonista reprovavam a criança por ser judeu – palavra cujo sentido era desconhecido por Elaine. Grace, no entanto, a definiu: “Os judeus mataram Cristo” (2007, p. 146). A cena de encontro delas com o menino foi um indicativo de que poderiam machucá-lo; por isso, Elaine desistiu da ocupação de férias e voltou para a casa da sra. Finestein, com a companhia de um choro silencioso por constatar sua limitação para dizer não. Essa atitude articula-se ao desejo de ser aceita, representado no momento em que se valeu do dinheiro conseguido com seu trabalho para comprar doces e dividi-los com as amigas: “Divido em partes iguais, estas oferendas, estas reparações, e entrego-as nas mãos das minhas amigas. Neste instante, eu sou amada” (2007, p. 147).

Para Elaine, uma forma de pertencer ao grupo de amigas era ceder às regras ditadas por elas. Anseia essa possibilidade até o momento em que uma das maldades em forma de desafio colocou por um fio a sua vida: Cordelia lançou o chapéu de Elaine no desfiladeiro em um dia muito frio. As hesitações são narradas com sombras de medo:

Se eu for para casa sem ele, vou ter de explicar, vou ter de contar. E se eu me recusar a ir, o que Cordelia fará depois? Talvez ela fique zangada e nunca mais fale comigo. Talvez ela me empurre da ponte. Ela nunca fez nada parecido antes, nunca me bateu nem beliscou, mas agora que jogou o meu chapéu lá embaixo, não sei o que mais ela será capaz de fazer. (ATWOOD, 2007, p. 196)

O lugar representava um grande perigo, mas o medo de não mais ser amiga de Cordelia prevaleceu. Essa personagem se comportou nessa cena fria como se estivesse “dando instruções para um jogo” (2007, p. 196). Elaine percebeu o que estava em risco: a sua própria vida, que quase se esvaiu devido ao frio. Ela foi resgatada pela mãe e atravessou uma fase de enfermidade que a deixou sem ir à escola por dois dias. A importância das amigas diminuiu gradativamente, resvalando, em sua vida, para as “bordas” (2007, p. 203). A amizade com Cordelia foi retomada na adolescência, mas sem que Elaine se sentisse refém do desejo de tê-la como amiga, direcionando a ela comentários ácidos calcados na fase em que estava, evitando-a muitas vezes, pois ela perdeu a importância que outrora tivera. As memórias em torno dessa personagem,

todavia, compõem uma imagem significativa por estar amalgamada a situações de contornos dramáticos em sua infância que acentuam a forte marca deixada por ela.

Em meio a cenas narradas no romance, identificam-se realces veementes em lembranças desprazerosas, que, conforme Freud (1997), em *O Ego e o Id*, vêm mais constantemente à superfície pela inclinação do aparelho psíquico de expurgar “sensações” atreladas a um mal-estar. São essas lembranças que, em certa medida, se mesclam fortemente aos traços que delinham a subjetividade; por isso é válido refletir sobre as mais diversas vivências que podem imprimir marcas indelévels em um sujeito, mesmo na esteira de brincadeiras, nem sempre inofensivas, de crianças.

Atando pontos...

O diálogo entre o conto de Clarice Lispector e o romance de Margaret Atwood foi estabelecido no trançado de um tema: a exclusão em *jogo* no universo infantil. Cenas representadas nessas narrativas descortinam episódios vislumbrados em textos cuja construção se enovela a vivências passíveis de serem observadas em contextos de infância, dos quais podem ser puxados fios que tecem uma subjetividade.

Nas memórias das personagens que protagonizam os pontos aqui desenvolvidos, notam-se matizes de um imaginário de infância que engendra uma demanda para tratar com seriedade atitudes por vezes atenuadas pelo signo da brincadeira, mas que podem ser traduzidas em ressentimentos que atravessam as fases da vida. Essas formas de *ressentir* orquestram cenas na memória, acionadas sob o compasso do sofrimento ou de uma felicidade, mesmo clandestina.

Textos como “Felicidade clandestina” e *Olho de gato* suscitam reflexões sobre a luta para não sair do jogo em que, em suas cirandas, teme-se ser eliminado e, para não sê-lo, o sujeito se reveste de um poder que, em nuances de contraste, enfraquece o outro, conduzindo-o para um lugar de clandestinidade ou de exclusão. A moeda que imprime essa ciranda é, todavia, circular e tem outras faces. Nos círculos que envolvem o medo, podem incidir regras da vida capazes de deslocar centros ou condições privilegiadas através de acontecimentos inesperados. Essa dinâmica faz o mundo girar, sobretudo, em circunstâncias em que o sujeito achava ser o outro o seu próprio mundo e descobre, de repente, que o mundo nunca foi um só, mas é preciso estar só para contemplar plurais possibilidades de, nos caminhos do contato com outros sujeitos, não perder ao se perder de si.

Referências

ATWOOD, Margaret. *Olho de gato*. Tradução Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. Tradução José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Deslocamento/ deslocamento. In: In: BERND, Zilá (org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 109-127.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. In: _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 9-12.

PAZ, Octavio. A dialética da solidão. In: _____. *O labirinto da solidão*. Tradução Eliane Zagury. 4. ed. São Paulo: Paz e terra, 2006.

